

VASCO DE MAGALHÃES-VILHENA

O MATERIALISMO DIALÉTICO E A CRÍTICA

DA FILOSOFIA BURGUESA

*João Miguel Patrocínio Salgado Rodrigues*¹
(aluno do curso de Licenciatura em Filosofia da FLUL)

Introdução e contextualização histórica

Caracterizado pelos seus companheiros como filósofo e como militante dedicado, Vasco de Magalhães-Vilhena é um marco no pensamento filosófico português do século XX. O seu contributo é vasto: abarca as suas investigações em Filosofia Antiga (nomeadamente o problema socrático), a sua crítica a António Sérgio e ao idealismo, as suas investigações das obras de Marx e Engels. A obra de Magalhães-Vilhena é inseparável da sua atividade partidária. Exilado em França devido às suas posições contrárias ao regime de Salazar e filiação no Partido Comunista Português (PCP), o filósofo acabaria por desenvolver grande parte do seu trabalho académico em Paris. Seria este o fator que lhe valeu visibilidade internacional, principalmente devido às suas investigações em Filosofia Antiga.

Estudar a obra de Magalhães-Vilhena obriga a olhá-la, como quereria o nosso autor, através da lente das condições históricas e políticas do seu tempo. Quando Magalhães-Vilhena frequentava a Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa já o regime de Salazar se estava a estabelecer e o jovem estudante assumia a militância clandestina no PCP. A sua tese de licenciatura, editada como *Progresso: História Breve de uma Ideia*², constituiria o primeiro estudo marxista feito em Portugal³.

¹ jrodrigues19@edu.ulisboa.pt

² V. M. Vilhena (1979). *Progresso: História Breve de uma Ideia*. Lisboa: Editorial Caminho (2.ª edição).

³ V. Soromenho-Marques (2017). “Criptomarxismo e dialéctica: a propósito da ideia de *Philosophica*, 55-56, Lisboa, 2020, pp. 347-358.

De facto, como Barata-Moura refere, Magalhães-Vilhena é um precursor do marxismo enquanto corrente filosófica em Portugal⁴. Muito embora o marxismo já estivesse presente no país através das primeiras traduções das obras de Marx, Engels e Lenine, faltava uma investigação filosófica digna desse nome.

Os partidos e organizações de esquerda foram crescentemente vistos como instrumentos de ação política de insurgência contra o Estado Novo e fortemente reprimidos por este. O marxismo, enquanto teoria política, aliada a uma vertente prática leninista, viria a marcar profundamente a paisagem política de Portugal ao longo do século XX. Expressão máxima desta influência foram os tempos do pós-25 de Abril de 1974, nomeadamente durante o Processo Revolucionário em Curso até à aprovação da Constituição da República de 1976. Nestes tempos conturbados, os escritos de Marx e as suas inúmeras interpretações assumiram uma importância fulcral, sendo que todo o panorama político girava em torno das posições tomadas relativamente ao próprio marxismo. De resto, Magalhães-Vilhena já na década de 60 dava conta desta tendência de centralidade da teorização de Marx como definidora de todo o espectro político⁵. O PCP, respaldado pela influência a Leste da União Soviética, reunia perto de 100.000 militantes em 1975⁶, desempenhando um papel fundamental no desenrolar do pós-revolução. A pluralidade de perspetivas quanto ao marxismo moldará o panorama político português até aos nossos dias, com o aparecimento e solidificação do Bloco de Esquerda (formado, essencialmente, por partidos da antiga extrema-esquerda, críticos do PCP) no fim dos anos 90 do século passado e com a manutenção da esfera de influência do PCP – que, ao contrário dos seus homólogos europeus, resistiu à crise provocada pela queda dos regimes políticos a Leste e da União Soviética.

Torna-se, portanto, fundamental estudar o fenómeno do marxismo em Portugal ao nível histórico e político, mas também ao nível filosófico. Para tal, parece-me que começar pelo seu precursor é o primeiro passo que é necessário ser dado. Muito embora em Portugal já existissem traduções das obras dos principais de Marx, de Engels e de Lenine, foi pela mão de Magalhães-Vilhena que essas perspetivas filosóficas foram pela primeira

progresso no jovem Magalhães-Vilhena”. *Philosophica*, 49, 39-46.

⁴ J. Barata-Moura (1997). “Tópicos para um panorama da filosofia em Portugal no século XX”, *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, 2, 50-52.

⁵ V. M. Vilhena (2015). *Fragmentos de Ideologia*. Lisboa: Grupo de Estudos Marxistas, fragmento 20.

⁶ R. Varela (2014). *História do Povo na Revolução Portuguesa 1974-75*. Lisboa: Bertrand Editora, p. 67.

vez aplicadas ao contexto nacional. A perspetiva materialista e crítica do idealismo alemão de cariz neokantiano é visível na abordagem do filósofo perante António Sérgio, a principal referência intelectual do tempo de Magalhães-Vilhena.

Não só da aplicação ao contexto nacional se destacou o pensamento de Magalhães-Vilhena. As suas contribuições para o desenvolvimento de uma teoria da unidade da ciência a partir de uma perspetiva histórica e materialista é singular no pensamento português do século XX, ao passo que se enquadra num quadro mais vasto ao nível europeu de investigação em torno do legado filosófico de Marx e Engels.

Com vista a explorar dois dos principais eixos do pensamento de Magalhães-Vilhena – a crítica do idealismo e as investigações sobre ideologia e ciência – procederei à análise de duas obras escritas durante o exílio em França. Uma delas acerca de António Sérgio, escrita em português e editada em Portugal em 1964. A outra acerca do papel da ideologia na sociedade e na ciência, publicada postumamente a partir da recolha de vários fragmentos escritos em francês pelo filósofo, algures durante as décadas de 50 e 60 do século XX.

O Idealismo Crítico de António Sérgio⁷

António Sérgio, figura maior da filosofia em língua portuguesa do século XX, era um conhecido de Vasco Magalhães-Vilhena. Segundo o próprio Magalhães-Vilhena, ter-se-ão conhecido através do grupo da Seara Nova⁸ – um grupo de intelectuais que publicava a revista do mesmo nome. Foi também graças às edições Seara Nova (coleção Argumentos) que nos chegou a obra, escrita em jeito de homenagem a Sérgio. Estes dois autores, apesar de à primeira vista parecerem filosoficamente distantes (um materialista e um idealista), partilhavam traços em comum, nomeadamente a perspetiva crítica de olharem o mundo e o facto de ambos primarem pelo racionalismo nas suas análises.

Esta não é apenas uma obra que descreve o pensamento filosófico de António Sérgio. Também o analisa criticamente. E por entre essas críticas vemos resplandecer o próprio pensamento de Magalhães-Vilhena. Sendo António Sérgio um adepto das polémicas e da troca de argumentos, não haveria, pois, melhor maneira de lhe prestar homenagem senão com uma

⁷ V. M. Vilhena (1964). *António Sérgio – O Idealismo Crítico e a Crise da Ideologia Burguesa*. Lisboa: Argumentos. Seara Nova.

⁸ E. Chitas (Ed.). (1990). *Filosofia, história, conhecimento: homenagem a Vasco de Magalhães Vilhena*, p. 335.

crítica honesta e perspicaz. O que igualmente sobressalta nesta obra é a maneira como Magalhães-Vilhena consegue integrar na sua análise uma crítica mais abrangente da ideologia das classes burguesas em Portugal e dos múltiplos acontecimentos políticos da I República. Estamos perante uma obra que combina a crítica a um filósofo próximo, a exposição de uma perspectiva materialista e a crítica social de um período complexo da história.

Posto isto, não será surpreendente que Magalhães-Vilhena tenha dividido a sua obra em capítulos subordinados, respetivamente, à filosofia, à história e à política, culminando numa crítica abrangente que une toda a análise do autor. De facto, para o leitor não familiarizado com o materialismo dialético, pô-lo em contraste com o idealismo racionalista de Sérgio torna-se uma boa maneira de o expor de forma acessível. A escrita de Magalhães-Vilhena oscila entre uma apresentação relativamente imparcial das ideias de Sérgio e as suas próprias críticas à luz do materialismo, sem nunca descuidar nenhum dos pontos de vista. É, por isso, um verdadeiro tratado acerca das divergências filosóficas contemporâneas entre idealistas e materialistas.

A grande diferença das duas perspetivas começa por assentar, para Magalhães-Vilhena, numa questão gnosiológica⁹. Para Sérgio, a experiência baseia-se no entendimento humano¹⁰. É este o ponto de partida para todo o debate que se segue. A divergência, longe de poder ser reduzida a um ponto-chave, tem aqui uma das suas pedras angulares: idealistas e materialistas pensam o processo de tomada consciência de formas antagónicas. Ora, sendo Magalhães-Vilhena um materialista vem criticar o processo partilhado por Sérgio: a experiência não se forma no intelecto, mas sim no mundo material, exterior a este. Mas como definir o *material*? Magalhães-Vilhena responde:

A categoria filosófica de matéria não só admite a existência de um fundamento objetivo da nossa consciência (fundamento, e não tão-somente uma fonte “exterior”) como reconhece a existência real e objectiva do ser natural (a matéria), independente da nossa consciência e da experiência da humanidade e de toda a classe de forças super-sensíveis (...) ¹¹.

⁹ O termo “gnosiologia” é usado de modo sinónimo juntamente com “epistemologia” e “teoria do conhecimento”. As razões que levaram Magalhães-Vilhena a usar os três termos em partes diferentes do texto remetem para um debate mais abrangente, o qual não irei abordar neste ensaio.

¹⁰ V. M. Vilhena (2015). *Fragmentos de Ideologia*. Lisboa: Grupo de Estudos Marxistas, fr. 42.

¹¹ V. M. Vilhena (1964). *António Sérgio – O Idealismo Crítico e a Crise da Ideologia Burguesa*. Lisboa: Argumentos. Seara Nova, pp. 43-44.

Mas só isso não chega. Magalhães-Vilhena assume-se como um materialista dialético, opondo-se ao que chama de materialistas “mecanicistas”¹², incapazes de conceber a dialética como fundamental no processo de percepção. Servindo-se dos clássicos Marx e Engels, mas também das teorias da psicologia de Pavlov, debruça-se numa extensíssima nota de rodapé acerca do conceito de “reflexo”¹³ – um *reflexo* não-mecânico, assente num processo dialético de síntese entre duas teses antagónicas (tese e antítese). O *reflexo* não é, portanto, atividade passiva da psique como se de um espelho se tratasse. O processo dialético está presente na totalidade da estrutura gnosiológica teorizada por Magalhães-Vilhena, e daqui partimos para o resto.

Já vimos como pode o indivíduo fazer sentido do mundo, mas como pode ele comunicá-lo? Ora, a linguagem é iminentemente de base *material*¹⁴. Sem esta base, seria impossível conceber uma imagem mental, por mais abstrata que fosse. É através do material que o indivíduo comunica, é através dele que estabelece os seus conceitos. Mesmo que a realidade seja objetiva, ela origina o processo dialético no qual surgem os conceitos¹⁵. Forma-se, portanto, o *subjetivo* a partir do *objetivo* num jogo de contrastes complexo. Por sua vez, a interação entre os indivíduos materializar-se-á numa *prática social*. O indivíduo interage com os outros seres humanos na esfera do social e interage com o resto do meio na esfera do natural, sendo que todas estas interações se interpelam e se influenciam umas às outras.

Magalhães-Vilhena dá um passo em direção ao empirismo ao afirmar que é pela prática que o indivíduo que adquire conhecimento do que o rodeia e de que uso pode ele fazer desse meio envolvente¹⁶. É através de eu tomar experiência das condições que me são dadas que eu posso decidir agir, para com elas interagir. O sapateiro não concebe o sapato somente no seu intelecto, muito menos o processo de fabrico. Precisa de ter tido a experiência prática de aprendizagem e de treino. Mesmo que inventasse uma nova forma de fabrico, isso adviria da sua experiência anterior e precisaria de comprovar a sua eficácia empiricamente. A psique é, portanto, moldada primeiramente pelas suas condicionantes objetivas e materiais: “A prática quotidiana da humanidade é base objetiva social das operações

¹² *Ibid.*, p. 53.

¹³ *Ibid.*, pp. 26-31.

¹⁴ *Ibid.*, p. 35.

¹⁵ *Ibid.*, p. 89.

¹⁶ *Ibid.*, p. 67.

mentais: o homem pensa porque tem mãos [dizia Anaxágoras] (...)”¹⁷.

O indivíduo interage com as suas condições *históricas*. I.e., as condições materiais não são estanques no tempo. Desenvolvem-se, criam-se e anulam-se no decurso cronológico da própria História. Isso significa que o indivíduo esteja apenas dependente, destas, pelo que nos arriscávamos a pintar um quadro de Magalhães-Vilhena enquanto determinista. Pelo contrário, a consciência social forma-se com o meio envolvente, ao mesmo passo que o *trans-forma*. Para o nosso autor, a dialética torna o todo mutável.

Nem mesmo a ciência resiste à mudança. Pois se o intelecto fosse um mero reflexo fidedigno da realidade objetiva, toda a ciência seria feita pela simples descrição do mundo natural. Ora, como sabemos, a ciência sofreu ao longo da História da Humanidade várias mudanças e foi alvo de disputas. Quer então dizer que nem mesmo a ciência pode escapar à dialética do próprio entendimento humano. Magalhães-Vilhena concebe a ciência como sendo *una* – para um mesmo todo material, a ciência necessita do carácter de unicidade para o poder coerentemente descrever. Sendo que a ciência assenta na infraestrutura, abaixo da superestrutura, será influenciada dialeticamente por esta. Desenvolverei mais estes conceitos na segunda parte da minha análise.

Se, por um lado, Magalhães-Vilhena é insistente defesa das suas teses, não se abstém de tecer críticas à interpretação de Sérgio do marxismo¹⁸, acusando Sérgio de adotar uma perspetiva idealista do decurso da História¹⁹. Para este último, toda a dialética teria que ser necessariamente de raiz idealista (à boa maneira de Hegel), apenas concebendo como coerente o materialismo mecanicista²⁰, à luz de como o teorizava Feuerbach.

Sérgio aparece também nesta obra como a personificação de uma crise generalizada do pensamento que Magalhães-Vilhena caracteriza de burguês. Não que Sérgio tivesse os seus interesses alinhados com a burguesia que também ele criticava (embora por razões diferentes), nem tão-pouco por assumir uma posição anti-operária. O problema estava na moderação constante do seu pensamento político. Também a burguesia da I República estava dividida entre dois pólos conflituantes: o republicano e o monárquico²¹. As contradições presentes no pensamento de Sérgio seriam

¹⁷ *Ibid.*, p. 57.

¹⁸ *Ibid.*, pp. 70-74.

¹⁹ *Ibid.*, p. 81.

²⁰ *Ibid.*, p. 86.

²¹ *Ibid.*, p. 184.

então o *reflexo* das contradições no seio da burguesia que agora tomara o poder. Sérgio acabaria isolado na sua crítica à falta de radicalidade da burguesia (num certo sentido por esta assumir posições ideológicas mais próximas do liberalismo do que do socialismo cooperativista de Sérgio), ao mesmo tempo que não se libertava da sua origem de classe enquanto burguês intelectual. Remeteu-se à polemização, evitando uma prática política partidária ativa.

As contradições dentro da classe dominante na primeira década e meia após o regicídio viriam a dar caminho aberto para o golpe militar de 1926, que viria a depor a I República e a instaurar o Estado Novo em 1933. Magalhães-Vilhena tinha então 17 anos e viria a frequentar Faculdade de Letras e a militar no PCP²². Talvez por essa razão fosse tão crítico da participação política, a seu ver, pouco dedicada de Sérgio, ao mesmo tempo que se revê nas suas críticas ao poder político.

Fragmentos sobre Ideologia²³

As divergências evidentes entre Magalhães-Vilhena e o regime acentuaram-se ao longo dos seus estudos, chegando o filósofo a esconder as referências a Marx e Engels na sua tese de licenciatura²⁴. Em 1945, o *apparatus* de Salazar já se tinha estabelecido na academia e Magalhães-Vilhena foi afastado da Universidade de Coimbra por supostas discordâncias de cariz científico²⁵. Partiu em exílio para a Universidade de Paris Sorbonne e será a partir de lá que escreve os fragmentos que compõem esta coletânea.

Escritos algures nos anos 60, os fragmentos tratam o conflito aparente entre ciência e ideologia. Se na obra anterior já vimos alguns traços da filosofia da ciência de Magalhães-Vilhena, em *Fragmentos de Ideologia* esta é abordada de forma clara. A lente marxista de análise do filósofo fica bem patente quando descreve a ciência como parte integrante da infraestrutura, dominada por uma superestrutura com carácter ideológico²⁶.

²² Bernardino, M. (2017). “Vasco de Magalhães-Vilhena: Filósofo e militante comunista”. *Philosophica*, 49, 9-13.

²³ Vilhena, V. M. (2015). *Fragmentos sobre Ideologia*. Lisboa: Grupo de Estudos Marxistas.

²⁴ Soromenho-Marques, V. (2017). “Criptomarxismo e dialéctica: a propósito da ideia de progresso no jovem Magalhães-Vilhena”. *Philosophica*, 49, 39-46.

²⁵ Calafate, P. (2000). *História do Pensamento Filosófico Português* (Vols. V, Tomo 2). Lisboa: Editorial Caminho, p. 225.

²⁶ *Ibid.*, fr. 63. O aprofundamento da discussão acerca dos conceitos de infraestrutura e superestrutura, embora seja de maior importância no pensamento marxista, não cabe

Por estar mais próxima da base material, a ciência capta melhor do que a ideologia (entendida em sentido lato) a realidade objetiva. No entanto, a ciência não está imune nem ao carácter dialético da própria gnosiologia nem muito menos imune ao carácter antagónico do poder político-jurídico.

(...) Não existe, portanto, oposição fundamental de classe nas ciências. A ciência é una. Mas a prática da base na separação social de classe são função da estrutura e das ideologias de classe. (...) ²⁷

Ao passo que a ciência, para se adequar ao todo da realidade objetiva, necessita de ser una, a ideologia é variável. A ciência é como o Rio de Heraclito: não é possível tocar-lhe na mesma água duas vezes. Também o pensamento científico flui, mas o rio é somente um, comportando o longo curso da História. O curso dos afluentes das ideologias irá influir, modificando o leito. Por sua vez, o leito sofrerá mudanças no seu trajeto pelas condições geológicas a que está sujeito e modificará ele próprio o meio envolvente. Para Magalhães-Vilhena, o rio desaguará na sociedade sem classes, completando o ciclo e libertando a água no imenso todo da realização social plena. O comunismo como estádio último, o mar vasto das capacidades do ser humano ainda por se abrirem. Heraclito concebia o rio como cíclico, mas para Magalhães-Vilhena esse rio teria uma nascente, um curso e um fim. Um curso de água *unilateral*, mas definido. Sujeito a contradições, mas nunca repetível.

De facto, qualquer um destes muitos afluentes de ideologia podem ser entendidos como o reflexo da realidade elaborado teoricamente ²⁸. Isto é, a ideologia processa dialeticamente a realidade objetiva, atribui-lhe características, insere-a sob uma dada perspectiva. No entanto, para a ideologia poder refletir efetivamente a *verdade* objetiva, terá que ter carácter científico ²⁹. Ao passo que a ciência não se pode desviar da prática social, sob o risco de deixar de o ser, a ideologia possui essa liberdade, precipitando a ascensão da ideologia à superestrutura dominante. A superestrutura manipulará a ciência em seu favor, afastando a ciência do seu carácter neutro.

Magalhães-Vilhena não defende que exista uma *ciência burguesa*, mas admite que a ciência é penetrada pela ideologia da classe burguesa, instrumentalizando-a. Em jeito de exemplo: não é pelo facto de as grandes

neste ensaio.

²⁷ *Ibid.*, fr. 50.

²⁸ *Ibid.*, fr. 64.

²⁹ *Ibid.*, fr. 92.

multinacionais farmacêuticas desenvolverem ciência com vista ao lucro que estarão a fazer *ciência burguesa*. É, sim, por utilizarem a ciência em virtude da sua obtenção do lucro. A ciência em Newton é diferente historicamente da ciência de Stephen Hawking, mas ambos trabalham sobre uma mesma base em permanente transformação. A matemática ou a física não podem assumir carácter burguês, pois deixariam de ser ciência. Mas estão à mesma condicionadas pelo momento histórico em que ocorrem.

A uma tese científica estabelecida opõe-se-lhe dialeticamente uma nova (anti)tese. Do embate entre as duas resultará a síntese: o novo paradigma científico. No entanto, este processo tem outra componente que o complexifica: as teses expressam-se na materialidade. Isto significa que a infra e a superestrutura têm a capacidade de desvirtuar o que à primeira vista poderia parecer um exercício de pura comparação entre diferentes teorias. A ciência torna-se, ela própria, antagónica e recheada de contradições.

Ciência e ideologia não são antagónicas entre si. Não se opõem, antes se sobrepoem. Uma ideologia pode ser científica, mas uma ciência não pode ser ideológica, sob o risco de deixar de ser ciência. Pode ser controlada por uma classe que partilha de uma certa ideologia, mas não pode ser puramente ideológica: “Cada ideologia representa uma teoria, mas nem toda a teoria é uma ideologia.”³⁰

A ideologia terminará quando for atingido o fim das classes, mas a ciência permanecerá³¹. De facto, Magalhães-Vilhena vê a ideologia como desnecessária ao afirmar que esta não está relacionada à produção diretamente, mas de modo indireto. A ideologia surge como reflexo dialético da prática social, assume carácter coletivo³². Logo, sem as antagonias de classe, a ideologia tenderá para ser o mais próxima possível da ciência, fundindo-se com esta. A realidade objetiva captada pela ideologia estará cada vez mais próxima da verdade objetiva. À verdade objetiva só é possível chegar no estágio máximo da ciência e da ideologia científica (que deixa de existir): numa sociedade sem classes.

Nem mesmo nesta obra Magalhães-Vilhena falta à chamada no que à crítica dos idealistas diz respeito (nomeadamente os da tradição hegeliana):

Assim, sob a forma idealista, abstrata, especulativa em suma, a ideologia-tipo dos epígonos do idealismo clássico e dos utopistas do

³⁰ *Ibid.*, fr. 36.

³¹ *Ibid.*, fr. 117.

³² *Ibid.*, fr. 92.

“verdadeiro”-socialismo alemão substitui o mundo real por uma imensa fantasmagoria³³.

“Fantasmagoria” devido ao foco desmesurado dos filósofos hegelianos no desenvolvimento do *espírito* (*Geist*). O desprezo pela dimensão material por parte dos idealistas alemães é mais uma vez criticado, à semelhança do que Magalhães-Vilhena já fizera com António Sérgio (há que lembrar que Sérgio, embora crítico de Hegel, partilhava de uma perspectiva neokantiana). O embate entre materialistas e idealistas é defendido como o principal conflito ideológico na filosofia, o embate definidor de todas as posições de partido³⁴. Para os marxistas, o olhar puramente especulativo sobre a filosofia é especialmente grave. Como dizia o próprio Marx, numa tese que ficaria sobejamente famosa, cabe aos filósofos transformar o mundo, ao invés de somente o pensar e interpretar³⁵. Os filósofos devem estar focados na evolução prática social coletiva ao invés de na evolução do espírito.

Notas finais

Magalhães-Vilhena é um marxista-leninista da velha escola como já não vemos na filosofia de hoje. Deixou uma marca indelével no marxismo português, principalmente ao nível académico. Os seus escritos sobre Marx e Engels podem não ser totalmente originais em relação ao que já se escrevia no seu tempo além-fronteiras, mas foram certamente inéditos em Portugal. Num meio intelectual perdido entre liberalismo republicano e conservadorismo nacionalista, destacou-se pela radicalidade das suas posições. E foi precisamente por essas posições que se viu forçado a sair do país em exílio.

Com meia dúzia de anos após a Constituição do Estado Novo, já existia no nosso país um filósofo a trazer a conceção histórica materialista para o meio intelectual português. Não será, pois, exagerado considerar Magalhães-Vilhena como estando à frente do seu tempo. No momento em que saiu do país deixou para trás um movimento de contestação ao regime já muito fragilizado, para ver trinta anos mais tarde, no seu regresso a Portugal em 1974, que Marx era agora o filósofo mais discutido no panorama intelectual e fora dele.

³³ *Ibid.*, fr. 132.

³⁴ *Ibid.*, fr. 31.

³⁵ Podíamos aqui discutir se a própria interpretação dos filósofos constitui ou não elemento para a transformação do mundo, mas tal debate não cabe nestas páginas.

Para um precursor da teoria marxista, não encontramos em Magalhães-Vilhena um doutrinário. Sem esquecer as principais inspirações, a sua investigação inclui categorias da filosofia tão amplas como filosofia antiga, filosofia da ciência, filosofia da história e epistemologia. Há uma permanente busca em relacionar vários autores, desde Platão a Pavlov, que o torna num filósofo versátil e a leitura das suas obras gratificante. A sua visão da sociedade portuguesa da I República, bem como o debate com António Sérgio, são instrumentos úteis para se entrar na discussão política e ideológica da época. Do ponto de vista histórico, o estudo da obra de Magalhães-Vilhena dá-nos uma peça do puzzle que parecia que ficava a faltar na imagem dos meios intelectuais na ressaca do Golpe Militar.

Apesar de tudo isso, há que reconhecer que críticas poderão ser-lhe feitas, nomeadamente quanto à forma como interpreta a teoria do reflexo no seio da teoria materialista. Ao contrário do que se poderia esperar, as suas maiores contribuições académicas acabaram por ser na área da filosofia antiga, pois não traz desenvolvimentos de maior à corrente filosófica marxista. Sobressai a sua obra dedicada a António Sérgio como a principal crítica materialista aplicada ao contexto português, embora focada na elite intelectual.

Em suma, compreender Magalhães-Vilhena a partir da crítica a António Sérgio pode ser visto como um paralelo com a leitura de algumas obras de Marx sobre os fenómenos do seu tempo. A crítica de Magalhães-Vilhena das análises histórica, política e filosófica de Sérgio são análogas, respetivamente, à crítica de Marx da análise histórica de Hegel, à crítica da ação prática dos Jovens Hegelianos e à crítica à filosofia do idealismo alemão. Este é o seu grande contributo no que à filosofia em Portugal diz respeito.

RESUMO

Neste ensaio procuro explorar o núcleo do pensamento de Vasco de Magalhães-Vilhena, um precursor do materialismo histórico na filosofia em Portugal. Para tal, começarei por dar uma contextualização histórica do filósofo, seguida das análises de duas obras suas. A primeira diz respeito ao livro que o autor escreveu acerca do pensamento filosófico de um outro pensador seu contemporâneo, António Sérgio. Nele, encontramos uma das teses principais de Magalhães-Vilhena de crítica ao idealismo filosófico, elemento característico da filosofia marxista. A segunda diz respeito a *Fragmentos Sobre Ideologia*, uma coletânea de textos escritos pelo filósofo no exílio em França acerca do papel da ideologia na ciência e na sociedade. Nesta coletânea, podemos encontrar outra das principais teses de Magalhães-Vilhena, a propósito da unidade da ciência. Por último, farei algumas considerações finais, cruzando as análises históricas com as análises a ambas as obras.

Palavras-chave: Marxismo – Magalhães-Vilhena – Ideologia – Ciência – Idealismo.

ABSTRACT

In this essay I seek to explore the nucleus of Vasco de Magalhaes-Vilhena's thought, a predecessor of historical materialism in philosophy in Portugal. For that, I will begin by giving an historical contextualization of the philosopher, followed by the analyses of two of his works. The first corresponds to the book that the author wrote about Antonio Sergio's philosophical thought, another contemporary thinker. In it, we find one of the main theses of Magalhaes-Vilhena's critique of philosophical idealism, a distinctive element of Marxist philosophy. The second corresponds to *Fragmentos Sobre Ideologia (Fragments about Ideology)*, a collection of texts written by the author while in his exile in France about the role of ideology in science and in society. In this collection we may find another of Magalhaes-Vilhena's main theses concerning the unity of science. Lastly, I will make a few final considerations incorporating the historical analysis with both book analyses.

Keywords: Marxism – Magalhaes-Vilhena – Ideology – Science – Idealism.